



UNICAMP

P24.107

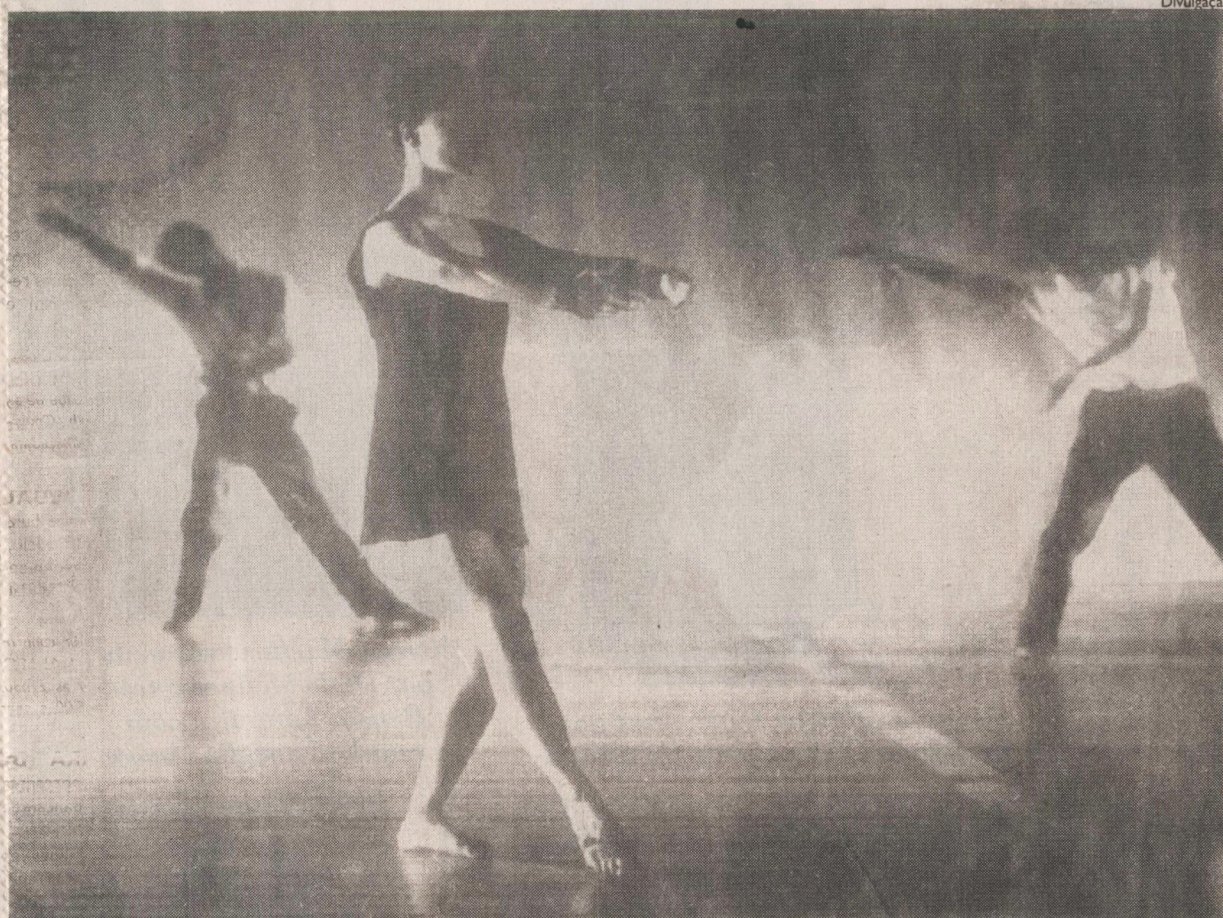
EVENTO: Carlton Dance 95 - Anne teresa de Keersmaecker
VEÍCULO: Folha de São Paulo
DATA: 08 jun 95
PÁGINA: 5-6
SEÇÃO: Ilustrada



CARLTON DANCE/CRÍTICA

Anne Teresa de Keersmaecker celebra ritmo

Companhia belga apresenta hoje em São Paulo a provocante trilogia "Kinok" no Teatro Sérgio Cardoso



Cena da trilogia "Kinok", que a companhia belga Rosas apresenta hoje em São Paulo

ZECA CAMARGO

Editor da Ilustrada

Vai ser difícil ouvir de novo a "Grosse Fuge" de Beethoven e não sentir que está faltando alguma coisa. Anne Teresa de Keersmaecker conseguiu unir tanto sua dança à música, que seria impossível, de agora em diante, imaginar a peça executada só com instrumentos.

Todas as danças que Anne Teresa trouxe ao Brasil (na verdade, um "pout-pourri" de suas criações) transcendem a classificação de meras coreografias: elas são celebrações do ritmo e do movimento inusitado.

Esse é, como sempre, o elemento-chave: o inusitado de "Kinok" (trilogia que a companhia belga apresenta neste Carlton Dance) traz o frescor de ver algo provocante. Não exatamente irreverente —essa não é a questão. Mas algo que faça você lembrar que a palavra renovação ainda pode fazer sentido.

Começa com "Rosa", um breve trecho de uma coreografia homônima maior. Imaginar essa peça executada por inteiro é um exercício de prazer criativo.

Em ângulos desconhecidos do

corpo e impulsos que lembram um filme passando ao contrário, um casal dança em êxtase seco. É como se a vontade de vencer o outro tivesse enxugado toda a emoção deles. Mas ela está lá, ainda que disfarçada, nos olhares que não se encontram.

E há ainda a descoberta do plano do joelho. A posição, que para muitos significa penitência, aqui vira detalhe de estilo.

Um violino ao vivo, cenário simples e deslumbrante, mais a estranhíssima iluminação (que aliás marca todas as peças) completam essa introdução.

Mesmo com esse impacto todo, "Rosa" não te prepara para o que vem em seguida. Explodindo na música de Thierry de Mey (que dá o nome a "Kinok"), bailarinos vão extrapolando a linguagem de Keersmaecker.

São tantos os movimentos inéditos que eles apresentam que o espectador entra em desespero para poder acompanhar todos. Você que sempre acha que os olhos são sempre mais rápidos que qualquer movimento do corpo, prepare-se para uma frustração.

O jeito mais fácil de acompanhar esta peça é entregar seus

olhos ao acaso. Pode deixar que eles não vão se decepcionar.

Aliás, todo esse exercício é mais que recompensado na coreografia seguinte, "Grosse Fuge". Depois de desafiar seu raciocínio (em "Rosa") e também sua percepção (em "Kinok"), Anne Teresa convide agora ao simples prazer de ver sua companhia enlouquecer.

São tempos impossíveis, saltos improváveis, pausas inesperadas e corpos em delírio técnico. E nem sempre é a rapidez que surpreende. Um momento só com homens, bem no chão, é (sem trocadilhos), o ponto alto da dança.

Ou não, talvez seja o final de "Grosse Fuge". Ou os momentos em que a bailarina loira de cabelos curtos aparece. Ou a hora em que toda a companhia salta junto.

Desculpe, mas não está dando para decidir o que é melhor.

O jornalista **ZECA CAMARGO** viajou ao Rio a convite da organização do festival

Espectáculo: Eco de Silenci e Kinok
Companhia: Lanònima Imperial e Rosas
Coreografia: Anne Teresa de Keersmaecker
Quando: hoje, 21h
Onde: Teatro Sérgio Cardoso (rua Rui Barbosa, 153, tel. 011/288-0136)

Companhia espanhola traz vigor surpreendente

Da Redação

Alexandre Campbell/Folha Imagem

Quando uma mão esticada para cima substitui a cabeça como eixo para uma pirueta, você sabe que alguma coisa interessante pode acontecer. E de fato acontece: a companhia espanhola Lanònima Imperial traz um ótimo estímulo para dezenas de companhias de dança jovem no Brasil.

A lição é simples: vai e faz. O Lanònima traz um vigor surpreendente para este Carlton Dance. Em "Eco de Silenci", as referências que eles apresentam são tantas, que é até uma surpresa ver que eles pelo menos esboçam um pouco de linguagem original.

Tem de tudo ali: dos braços de Nijinski em "L'Après Midi dun Faune" aos exercícios lúdicos de um Paul Taylor. Mas para não ficar só no jogo das citações, o Lanònima se esforça para fazer uma mistura original, com resultados promissores.

Mesmo usando o recurso quase covarde da música de Gorécki, a companhia se supera, por pouco não esbarra no clichê da dança neurótica (daquelas que mostram como "o homem contemporâneo não consegue se relacionar") e ainda acrescenta idéias às pesquisas que certamente a influenciou.

Melhor ainda: apresentando apenas dois casais em cenas, os bailarinos conseguem dividir bem a atenção do público, que naturalmente se alterna de uma dupla para a outra.

Há braços lindíssimos, especialmente por estarem sempre abertos, esperando um parceiro. Há choques interessantes entre os casais, fortes no impacto e suaves na sua violência. Tem também o jogo espartano das luzes que acendem e apagam. E tem o cansaço descarado de quem se entrega totalmente à expressão do movimento.

O Lanònima provavelmente vai ficar ofendido se "Eco de Silenci" for considerado um esboço. Mas é um esboço —aliás, um excelente esboço, capaz de literalmente deixar o espectador curioso para ver no que isso vai dar.

A questão aqui não é criatividade, que os integrantes da companhia parece que esbanjam. O desafio é ter segurança para achar que o que eles resolverem experimentar vai emplacar.

As chances de dar certo (ou melhor, de dar mais certo ainda) são, desde já, bem grandes. (/crep(ZC))



Os bailarinos Osman Khelili e Suman Hsu durante ensaio

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a Folha

O Lanònima Imperial, que divide com a companhia belga Rosas o programa de encerramento do Carlton Dance Festival hoje em São Paulo, é considerado atualmente o melhor grupo de dança moderna da Espanha.

Fundado em 1986, o Lanònima é dirigido por Juan Carlos Garcia, 37, e em seu elenco há dois brasileiros: Bebeto Cidra e Viviane Calvitti.

"Eco de Silenci", a coreografia que o grupo apresenta no Carlton Dance Festival, promove, segundo Garcia, uma profunda interação entre música, luz e movimentos dos bailarinos.

Folha - Como surgiu a coreografia "Eco de Silenci"?

Juan Carlos Garcia - Esta peça curta, de 16 minutos de duração, se desenvolve sobre a "Terceira Sinfonia" de Gorécki.

"Eco de Silenci" surgiu a partir de uma experiência que o Lanònima Imperial teve em um teatro da cidade croata de Osijek, Eslovênia Oriental.

Nesta cidade, nós encontramos uma companhia teatral que trabalhava em um teatro que foi bombardeado pelos sérvios. O que vivi ali, junto aos artistas croatas, me levou a realizar a coreografia "Eco de Silenci".

Não se trata de uma leitura literal do fato que nós presenciamos. Procurei relacionar aquelas emoções com o movimento. O que me interessa não é o movimento pelo movimento, mas o movimento que reflete as emoções geradas pelas relações humanas.

Folha - Você tem propostas específicas como coreógrafo?

Garcia - Tento expressar experiências de vida, as ordens, desordens, caos, amor e violência que existem ao nosso redor. Sobre tudo, quero conceder qualidades muito humanas à dança.

Não me interessa contar histórias no sentido literal. Para mim, a dança expressa um drama cósmico, que transcende a literalidade. A dança em si é quase mais importante que o sentido.

Folha - Você acredita em dança pura?

Garcia - É difícil afirmar porque minha dança tem elementos

abstratos, mas, ao mesmo tempo, também contém elementos expressionistas.

Folha - Isto é reflexo de sua formação?

Garcia - Talvez, porque tenho diversas influências como coreógrafo. Nos anos 70, em Barcelona, estudei tudo o que havia de dança contemporânea.

Depois, em Nova York, estudei com o coreógrafo Merce Cunningham e me impressionei muito com a escola americana, daí o fato de minhas coreografias serem muito físicas.

Mas também gosto muito de Pina Bausch, desses criadores para quem a experiência humana é o mais importante. Acho que estou na metade do caminho entre várias coisas.

Folha - O espírito da dança espanhola está presente em seu trabalho?

Garcia - Sem dúvida. Embora eu tenha muitas influências estrangeiras, meu temperamento é espanhol. Também fui influenciado pelo barroco espanhol e certo surrealismo natural que existe em meu país.